

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA

Rodrigo Machado de Oliveira Pedroso

**O ENSINO DOS ESPORTES ATRAVÉS DA LÓGICA DO JOGO: UM RELATO DE
EXPERIÊNCIA**

Porto Alegre

2022

Resumo: O trabalho tem como objetivo relatar a experiência vivenciada no estágio de docência no ensino médio, do curso de Educação Física em Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), realizado no Instituto Rio Branco, no bairro Rio Branco em Porto Alegre-RS. Após o diagnóstico realizado nas primeiras observações dentro da escola, percebeu-se uma desmotivação dos alunos em participar das aulas de educação física e, a partir dessa análise, foi planejado para o estágio de docência um trabalho que, primeiramente, contemplasse todos os alunos da turma, combatendo a evasão durante as aulas e, posteriormente, que pudesse oportunizar conhecimentos gerais sobre a lógica dos esportes. Através de uma metodologia focada no protagonismo dos alunos durante o jogo, os alunos se desenvolveram nos aspectos táticos e técnicos, chegando ao final do trabalho com ferramentas suficientes para desempenhar de maneira mais eficiente durante o jogo.

Introdução

A evasão nas aulas de Educação Física no ensino médio é tema de diversos estudos no Brasil, existem vários aspectos que podem ser atribuídos para explicar esse fenômeno, mas a falta de sistematização dos conteúdos e a falta de incentivo no sentido de tornar a prática interessante para os alunos podem ser fatores relevantes (CHICATI, 2008; MARTINELLI, 2006). Alguns estudos relacionam a evasão nas aulas de educação física à variáveis além da escola, como gênero, classe social, educação familiar (LUNA 2009). Segundo Netto (2010), a evasão está correlacionada à dificuldade financeira que algumas famílias enfrentam, forçando as crianças a largarem a escola à procura de empregos para ajudar em suas casas.

Analisando fatores internos do ambiente escolar, podemos observar que dois fatores são os mais discutidos quando falamos de evasão nas aulas de educação física: a motivação dos alunos e a metodologia das aulas.

De acordo com Folle (2005), as aulas de educação física são desmotivantes por reproduzirem um modelo tradicional de aprimoramento tático, técnico e de gesto desportivo. Aliás, o tema esporte gera grande debate na educação física escolar, principalmente quando falamos em “ensinar esporte”, seguindo o método tradicional, seria ensinar a praticar o esporte, enquanto na linha integral, o esporte busca a formação integral do sujeito no âmbito cognitivo das habilidades e atitudes (FOLLE,

2005). Ainda assim, o esporte se constitui na prática corporal mais citada e valorizada pelos alunos (CARLAN, 2012).

A utilização do esporte nas aulas de educação física normalmente é voltada para a técnica correta e o gesto perfeito, mas, segundo Light (2007), a iniciação esportiva baseada no ensino de habilidades técnicas analíticas planejadas a partir da repetição de gestos geram pouco interesse nos alunos. Existem metodologias que sugerem outras maneiras de ensinar esporte, considerando o aluno como agente protagonista do jogo e ensinando através das lógicas do jogo, esse método de ensino prioriza o ensino do esporte por meio do jogo, mas totalmente diferente das aulas em que o professor deixa a bola e o controle do período na mão dos alunos. O TGfU (*Teaching Games for Understanding*) é originário dos autores Bunker e Thorpe e o objetivo do modelo TGfU é permitir que os alunos aprendam os aspectos táticos através da prática de versões modificadas de jogo adequados ao nível de desenvolvimento (ARAÚJO, 2006)..

Através do modelo proposto por Bunker e Thorpe (1982) o professor estimula a tomada de decisão do aluno como prioridade, o aluno precisa analisar as situações apresentadas e resolver os problemas e desafios do jogo. Ao estimular as habilidades cognitivas e de tomada de decisão dos alunos, o professor contribui de maneira muito forte na formação integral do aluno, uma vez que para resolver as dinâmicas propostas ele precisa fazer uso das habilidades essenciais do esporte. Para aprender a jogar qualquer jogo, ou esporte, é necessário compreender aspectos como a percepção, a resolução de problemas, tomadas de decisão e resposta às informações do ambiente (LIGHT, 2007).

Darido (2004) apresenta um estudo que constatou um percentual muito baixo de evasão nas aulas de educação física no Ensino Fundamental, mas que no Ensino Médio aumentou drasticamente. Já Aquino (2005), aborda o tema evasão escolar no Ensino Médio e relaciona a falta de habilidade com a decisão do aluno de participar ou não das aulas de educação física. Podemos analisar esses dois estudos e trabalhar com a hipótese que as aulas no Ensino Fundamental não são efetivas quando analisamos a aprendizagem e o desenvolvimento dos alunos, causando uma evasão maior no Ensino Médio.

Utilizando um modelo pedagógico que propõe o protagonismo do aluno, a ideia da intervenção inspirada no TGfU é de gerar interesse nos alunos e promover o desenvolvimento, principalmente tático, através das aulas de educação física na

escola, proporcionando ferramentas e aprendizagens que transformem o aluno em agentes com autonomia para a prática esportiva.

O estágio realizado no Instituto Estadual Rio Branco no ano de 2022 foi inspirado no modelo do TGfU com atividades adaptadas à realidade da comunidade escolar e com os objetivos de ensinar as modalidades esportivas através da lógica do jogo e de obter o engajamento e a participação ativa de todos os alunos. O objetivo do artigo é apresentar e levantar possibilidades de intervenção na educação física no Ensino Médio através de uma metodologia diferente da tradicional tecnicista.

Metodologia

O trabalho é uma pesquisa de caráter qualitativa. Para a realização, foi utilizada uma metodologia baseada em jogos condicionados, situacionais e mini jogos para o ensino dos esportes. A avaliação foi realizada a partir das situações ocorridas durante o período de estágio e das observações acerca da participação e do engajamento dos alunos com o objetivo de diminuir a evasão nas aulas de educação física.

Relatos da experiência

O estágio docente de ensino médio aconteceu no Instituto Estadual Rio Branco, localizado em uma região mais central da cidade de Porto Alegre. O instituto está situado em uma avenida importante da cidade, em um bairro mais residencial de classe média e de fácil acesso por transporte público, e a consequência dessas características é que os estudantes se deslocam de diversos bairros da cidade, inclusive os mais afastados, para estudar no Instituto.

O estágio foi realizado em 19 encontros na escola, de março até a metade do mês de maio de 2022. Uma visita para conhecer a escola, os ambientes e os professores, dois encontros para observação das turmas e 16 encontros para ministrar aulas.

Primeiro contato no Instituto Rio Branco

No dia 09/03 foi realizado o primeiro contato com o Instituto, nessa época ainda ocorriam restrições sanitárias devido a pandemia de Covid-19 e, por esse motivos, a turma foi dividida em dois grupos para evitar uma aglomeração. Aliás, durante todo o período do estágio tivemos alguma adaptação referente aos cuidados de saúde. Uma experiência comum em estágios docentes é a observação das aulas dos colegas, o que não aconteceu para que não ficássemos mais tempo expostos na escola.

Durante o primeiro contato fiquei em torno de uma hora e trinta minutos na escola e pude acompanhar um pouco da aula de Educação Física e também o intervalo dos estudantes. Antes de conhecer a escola e até durante a primeira visita, a impressão era de um ambiente "hostil", muitos alunos, diversas tribos diferentes e muitos grupos bem definidos. Alguns jogavam um jogo mais agressivo com uma bola de vôlei, outros alunos isolados estudavam, muitos grupos ficavam conversando e também havia um grupo realizando brincadeiras de lutas.

Ao final do primeiro dia, reunimos a turma de estagiários e o professor responsável para conversar sobre as percepções e dúvidas de cada um. Quanto à "hostilidade" do ambiente discutimos e levantamos alguns pontos que talvez pudessem explicar esse sentimento. O primeiro ponto foi a heterogeneidade dos estudantes, o pensamento quando muitas pessoas diferentes estão no mesmo lugar é de que uma hora vai acontecer algum problema e ninguém vai se entender. O segundo ponto foi a estranheza que causamos naquele ambiente e que possivelmente tenha ocorrido porque o semestre em que realizamos o estágio presencial foi o primeiro após a parada causada pela pandemia, então ter estagiários nas aulas de educação física não eram mais comuns para os estudantes. E por último, a falta de presença do corpo diretivo da escola para esse primeiro contato, em nenhum momento a direção ou coordenação da escola nos procurou para apresentações, explicações ou orientações sobre a escola.

Observações

Na semana seguinte, cada dupla de estagiários escolheu dois horários, um em cada dia da disciplina do estágio, para observar as turmas que iríamos trabalhar. Ainda em função da pandemia, muitos colegas tinham restrições nos dias de aula e não tinham como disponibilizar certos horários para o estágio e a consequência disso foi que não conseguimos trabalhar os dois dias com a mesma turma. Iniciamos

o estágio com a turma 206, segundo ano do ensino médio, e a turma 106, primeiro ano do ensino médio.

Chegando para o primeiro dia de observação, não fomos surpreendidos com o que estava acontecendo, a turma foi levada para o ginásio que possui marcações da quadra de vôlei e enquanto alguns alunos jogavam, os outros conversavam e mexiam nos telefones celulares. Nem mesmo a professora estava engajada com o que estava acontecendo, pois poderia estar passando feedbacks, orientações e ensinando, mesmo que de maneira genérica, o vôlei que os estudantes jogavam. A grande maioria dos alunos que estavam fora do jogo eram meninas. Outro fato interessante foi que a grande maioria dos alunos que não estavam participando da aula eram meninas.

Ao analisar a aula de educação física e observar os estudantes, podemos concluir que as aulas no Instituto Estadual Rio Branco podem ser um momento livre para os alunos, além de um período em que podem praticar alguma atividade condicionada, no caso o vôlei. Não há um interesse em fazer os jovens aderirem à prática e nem em ensinar qualquer aspecto conceitual, procedimental ou atitudinal.

Retornamos para a escola no segundo dia de observações e nos deparamos com a mesma dinâmica, alunos jogando e a grande maioria utilizando a educação física como tempo livre. A partir das observações, decidimos trabalhar os conceitos da lógica de jogo dos esportes coletivos de invasão através do handebol, por ser uma prática mais fácil de ser executada ao compararmos com o futebol ou futsal. E o segundo objetivo que tínhamos para as aulas era a participação de todos os alunos.

Início das aulas

A primeira aula ministrada para a turma ocorreu no dia 21/03, para a turma 206, inicialmente encontramos os alunos na sala, onde nos apresentamos e pedimos para que registrassem em um papel seu nome, idade, se praticavam atividade física e quais eram suas preferências. Após o registro nos encaminhamos para o ginásio onde conversamos sobre as respostas. A turma tinha em torno de 18 alunos e a maioria citou o vôlei como uma atividade de preferência, alguns responderam que não gostavam de atividade física e não tinham interesse.

Seguindo a aula, colocamos em prática nossa ideia de trabalhar conceitos táticos e lógica dos esportes coletivos de invasão, através de dinâmicas voltadas pro

handebol pelo controle com a bola ser mais fácil que o futsal. A atividade consistia em duas equipes se enfrentando com o objetivo de marcar mais gols que o adversário, uma das regras do jogo era que não havia a possibilidade de se deslocar com a bola, apenas passar ou finalizar na meta, e a dinâmica do jogo ocorreu através da goleira, que era adaptada com um arco e que um aluno do time ficava segurando e se movimentando por fora dos limites da quadra. Então, o aluno que segurava o arco participava ativamente do jogo, criando possibilidades da sua equipe marcar os gols, enquanto o resto da equipe trabalhava conceitos de manutenção da posse da bola, linha de passe, habilidades de arremessar e agarrar e, quando não tivesse a posse da bola, trabalhavam a recuperação da bola e defesa da meta.

O jogo foi muito dinâmico, apesar do início um pouco confuso, mas os alunos atingiram o objetivo e conseguiram desenvolver a atividade proposta. Ao final da aula, reunimos a turma para conversar sobre a experiência e dar feedbacks, os alunos disseram que gostaram da aula, que foi divertida e também adoraram fazer uma atividade relacionada ao handebol, que eles nunca haviam vivenciado antes.

Na segunda aula do estágio, tivemos o primeiro encontro com a turma 106, uma turma muito maior, com 40 alunos, e desses, 29 estavam presentes e participaram da aula. Neste dia, tivemos que dividir o espaço do ginásio com outra turma por causa da chuva que impossibilitou o uso da quadra externa, esse fator atrapalhou o planejamento inicial e precisamos adaptar a aula.

Realizamos o alongamento inicial e as apresentações com a turma e optamos por utilizar o jogo do caçador. A atividade consiste em colocar dois caçadores, um de frente para o outro fora das extremidades da quadra de vôlei e o restante do grupo entre os dois caçadores, dentro do espaço da quadra, o caçador que estiver com a bola na mão vai arremessar e tentar atingir algum dos colegas no meio da quadra para que este vire caçador ao seu lado, ao final do jogo, o lado que tiver mais caçadores é o vencedor.

Para a primeira rodada da atividade escolhemos duas meninas para serem as caçadoras, e a atividade ocorreu bem, apesar de percebermos que havia uma agressividade grande com a questão do arremesso para atingir os colegas. Na segunda rodada, escolhemos dois meninos, e foi nesse momento que a atividade saiu um pouco do controle e os alunos começaram a exagerar a força do arremesso, correndo o risco de machucar algum colega. Orientamos durante toda a rodada para

cuidar a força do arremesso, para evitar acidentes, mas não foi muito efetivo. Ao final da aula refletimos e decidimos que nas aulas seguintes seriam evitados brincadeiras e jogos agressivos.

Seguindo a prática do estágio docente, tivemos aula com a turma 206 e utilizamos a quadra externa para seguir os trabalhos com o handebol. Após o alongamento separamos a turma em dois grupos, um em cada metade da quadra, e cada grupo tinha duas equipes para realizar um jogo dos 10 passes. O objetivo era usar o jogo para aquecimento e para estimular a manutenção da posse de bola, em seguida, adicionamos duas metas para a equipe finalizar após completar os passes, já iniciando uma dinâmica de esportes de invasão.

Na parte principal da aula, reunimos a turma e separamos duas equipes para se enfrentar utilizando a quadra inteira mas com regras adaptadas do handebol, não seria permitido se movimentar com a posse da bola nem disputar a bola que estivesse na posse do colega, a única maneira de retomar a bola seria interceptando um passe. Outra adaptação foi a colocação de duas goleiras de cone aproximadamente nas laterais centralizadas na quadra, que se tornariam as metas quando o professor apitasse, então os alunos jogariam o handebol adaptado e, quando o professor desse o sinal, o objetivo não seria mais finalizar nas goleiras oficiais, e sim nas goleiras de cone.

A turma 206 foi bem engajada durante o estágio docente e no final das aulas a roda de conversa realizada para feedback era muito franca, alguns meninos pediam futebol e a nossa postura era de explicar que os conceitos que estávamos trabalhando eram aplicáveis ao futebol, mas que se a prática desenvolvida fosse o futebol estaríamos afastando parte da turma das aulas, e esse não era o nosso objetivo. Apesar de descartarmos o futebol como ferramenta para nossos objetivos, concordamos em utilizar o futebol em uma das aulas futuramente.

Na aula seguinte, trabalhamos com a turma 106 e utilizamos a quadra externa da escola. A proposta para a turma também foi de trabalhar a tática e a lógica dos esportes coletivos de invasão através do handebol.

Primeiramente realizamos um alongamento e em seguida dividimos a turma em dois grupos, cada grupo jogando em uma metade da quadra. A primeira atividade foi o jogo dos 10 passes, onde a equipe precisava manter a posse da bola trocando 10 passes para marcar um ponto enquanto a equipe adversária buscava recuperar a bola. Após a primeira atividade, as equipes foram mantidas e

adicionamos duas goleiras com cones em cada lado da quadra, e a partir desse momento as equipes deveriam progredir e finalizar na meta do adversário.

As dinâmicas com a turma 106 foram mais desafiadoras pelo número de alunos, durante a aula alguns alunos não quiseram participar e ficavam conversando com a professora de educação física da escola. Outra situação curiosa foi que no início da aula durante a roda de conversa e o alongamento todos os alunos estavam participando, e ao iniciar a organização da atividade um aluno disse que não poderia participar e isso acabou “estimulando” alguns outros que já não estavam tão motivados a sair da aula também.

Iniciando a terceira semana de estágio de docência tivemos nossa terceira aula com a turma 206, utilizamos o ginásio coberto e o objetivo era seguir trabalhando conceitos de esportes coletivos de invasão. As dimensões da marcação no ginásio são de uma quadra de vôlei (18x9), após o alongamento e uma conversa inicial, separamos duas equipes e o objetivo era receber a bola na linha de fundo do ataque para marcar um ponto, dinâmica semelhante ao que ocorre no rugby, porém, sem utilizar do deslocamento e com o passe podendo ocorrer em qualquer direção.

Analisando a turma de maneira geral, o desempenho individual nesse tipo de atividade era satisfatório, tanto na questão das habilidades quanto na tomada de decisão que era correta na maioria das situações. O que mais dificultou o melhor desempenho de alguns foi a “necessidade de protagonismo” e o sentimento de que deveriam fazer tudo pois os colegas não seriam capazes. Obviamente esse tipo de jogo é pensado visando um trabalho coletivo, inclusive as regras impedem que apenas um jogador realize todas as situações do jogo sozinho, porém ainda acontecia algumas vezes de buscarem lançamentos mágicos ou de querer a bola para si o maior tempo possível.

Nos minutos finais da parte principal da aula, adicionamos goleiras de cones nas linhas de fundo da quadra e o objetivo agora era a finalização na meta. Apesar do risco de acidentes com boladas, não tivemos nenhum episódio nesse sentido durante as aulas. Finalizando a aula reunimos todos e reforçamos os feedbacks que já estavam sendo passados durante a atividade, como jogo aproximado, movimentação e papel do jogador sem a bola.

Pensando no maior número de alunos da turma 106, adaptamos algumas atividades para deixar a aula dinâmica para todos. Iniciando a aula sempre com uma conversa sobre os objetivos da aula e um alongamento antes da prática, a sexta

aula do estágio foi um jogo de handebol adaptado, primeiramente, realizamos uma atividade de ataque contra defesa apenas na metade da quadra, assim metade do grupo ficou em um lado da quadra e a outra metade do outro lado, em que o ataque tivesse sempre em vantagem numérica, buscando uma troca de passes mais rápida para dificultar o trabalho dos defensores.

Após todos alunos experimentarem a função de ataque e de defesa, separamos as equipes e utilizamos a quadra inteira para jogar, mas havia uma regra principal para a atividade, que era: o time ficou dividido em ataque e defesa, então os jogadores de ataque não poderiam recuar para o campo defensivo e os defensores não poderiam avançar para o ataque, a ideia do jogo era que os alunos entendessem os momentos da partida e dos seus papéis dentro do time. A dinâmica ocorreu de maneira satisfatória e com os alunos participando ativamente do jogo tanto no ataque quanto na defesa.

Para a quarta semana de estágio, planejamos uma vivência de futevôlei para as duas turmas de estágio. Utilizamos bolas de vôlei como material adaptado por serem mais leves e pensamos na dinâmica para que os alunos tivessem a vivência do esporte, sem aprofundar em gesto técnico ou jogo formal.

Iniciamos a aula com um alongamento geral e logo em seguida separamos em três grupos, cada um formando um círculo com o objetivo de trocarem passes sem usar as mãos e sem deixar a bola cair no chão, uma atividade comum para aquecimento dentro do futevôlei. Seguindo o planejamento separamos os alunos em 4 fileiras e um aluno com a bola na mão à frente de cada fileira, esse aluno com a bola em mãos lançava a bola para os colegas realizarem o fundamento e depois de um tempo era trocado o aluno dessa função. O objetivo dessa dinâmica era trabalhar 3 fundamentos de maneira isolada, primeiro a chapa (batida com a parte interna do pé), depois ombro e por último cabeça.

A última atividade foi para aproximar os alunos de uma situação de jogo de futevôlei, o professor auxiliar lançava a bola para o primeiro aluno da fila que precisava executar algum dos fundamentos para passar a bola para mim e eu também utilizava algum fundamento para fazer a levantada e o aluno atacar a bola para o outro lado da rede preferencialmente de cabeça, assim como no jogo de futevôlei. O resultado foi positivo, todos alunos acertaram em alguma das tentativas os fundamentos e o ataque, e após a aula reunimos todos para conversar sobre a prática. Os feedbacks seguiram a mesma linha, que o esporte é difícil e desafiador,

mas muito legal de praticar, e um comentário negativo foi o medo de cabecear a bola, que também é bem recorrente no meio do esporte.

A aula da turma 106 também seguiu o planejamento de futevôlei e com a dinâmica semelhante, porém, como a turma era muito maior, adaptamos a última atividade e separamos a turma em duas filas e os professores lançavam a bola para o aluno realizar o fundamento, então os professores seguravam a bola novamente na mão e lançavam a bola alta, próxima à rede para os alunos atacarem de cabeça. Os feedbacks sobre a aula foram os mesmos, muitos alunos adoravam jogar futebol e a vivência do futevôlei foi divertida por se aproximar um pouco do futebol.

A partir da quinta semana, tivemos uma alteração na grade de horários da escola, e com essa mudança foi possível trabalhar com a turma 206 duas vezes na semana, então a partir da aula 9, todas as aulas foram com a turma 206, o que facilitou de certa forma o trabalho e a avaliação dos alunos.

Juntamente com a mudança de horários, também fizemos uma alteração no planejamento das aulas e iniciamos um módulo para trabalhar a lógica do jogo dentro do voleibol. Pelo fato do ginásio coberto ter as marcações da quadra e a rede de vôlei, os alunos acabavam tendo uma tendência de gostar mais do esporte, então aproveitamos para trabalhar o vôlei para que a turma desenvolvesse mais autonomia nessa prática esportiva. Iniciamos com uma aula bem geral para observar alguns pontos, realizamos um alongamento e um breve aquecimento com os fundamentos em colunas e em seguida separamos 3 times para jogar partidas até 7 pontos e os ganhadores continuavam em quadra.

Durante o jogo alguns pontos foram levantados, alguns alunos queriam estar em todas as bolas possíveis, inclusive atropelando colegas para disputar algumas bolas, alguns alunos em quadra mas completamente avulsos do jogo, e quando a bola chegava estavam despreparados para dar sequência e o último fator observado foi a dificuldade técnica de grande parte da turma para jogar vôlei.

Partindo deste diagnóstico, decidimos trabalhar o gesto técnico com um pouco de treino analítico, mas trazendo muito mais esse trabalho para a situação de jogo, para que os alunos obtivessem o mínimo necessário para jogar vôlei e realizar os três toques na bola, também focamos o planejamento para fazer o aluno adquirir uma consciência de posicionamento na quadra, buscando deixar menos espaços vazios e por fim, trabalhar e estimular o jogo coletivo, utilizando os 3 toques e mantendo os alunos concentrados no jogo para defender seu espaço.

Para o primeiro trabalho de vôlei com a turma, realizamos o alongamento geral e partimos para um trabalho mais analítico dos movimentos, trabalhando toque e manchete com os alunos em colunas e com outro colega à frente lançando a bola, utilizamos bastante tempo para observar e orientar o gesto técnico dos alunos, buscando corrigir ao máximo a execução. Em seguida, adicionamos o ataque ao fundamento do passe, então o aluno recebia e passava a bola, e o professor fazia o levantamento para o aluno atacar.

Antes de iniciar o jogo, os alunos realizaram alguns saques, metade da turma de cada lado executando o saque para a bola passar por cima da rede, e o exercício também teve apoio e instrução dos professores. Para finalizar a aula, separamos duas equipes como os alunos interessados em jogar para a última atividade, um jogo de vôlei adaptado. A regra do jogo era que a primeira bola que fosse para o lado do time A deveria ser agarrada, e a partir daí o aluno lançava a bola para o colega na posição de levantador que executava o fundamento e outro colega atacava. No lado da equipe B a dinâmica era a mesma, primeira bola agarrada, depois lançava para o colega executar a levantada e um terceiro colega atacava.

A adaptação no jogo serviu para dar mais dinâmica e fluidez para o jogo, evitando que a bola caísse o tempo todo e estimulando a participação de todos, já que todos alunos uma hora chegariam na posição do levantador ou dos atacantes.

Na aula seguinte, seguimos um modelo semelhante de aula, com um alongamento, treino analítico de fundamentos, saque e jogo adaptado, porém dessa vez a adaptação era segurar a bola com as mãos no segundo toque. Essa diferença teve o objetivo de trabalhar a recepção e o primeiro passe dos alunos, que muitas vezes é uma bola difícil por vir mais rápida e mais forte do outro lado da quadra. A atividade ocorreu bem e com grande participação dos alunos, todos realizaram a aula até o jogo, onde alguns optaram por não participar, quando questionados sobre o motivo de não participar, os alunos relataram insegurança para jogar e comentaram que algumas vezes estavam em quadra mas não participavam do jogo por causa de alguns colegas. Ainda que esses comportamentos não ocorressem nas nossas aulas, alguns alunos ainda se sentiam incomodados com situações que eram recorrentes antes da nossa prática.

Para finalizar a semana 6 do estágio docente, tivemos que dividir o ginásio com outra turma por causa do mau tempo, sendo necessário adaptar a atividade

para seguir trabalhando com voleibol mesmo sem ter a quadra inteira e uma rede disponíveis. Reunimos a turma, fizemos alguns alongamentos e explicamos como aconteceria a aula, tínhamos à disposição metade da quadra de vôlei e duas bolas, colocamos uma linha de cones dividindo nosso espaço em duas áreas, simulando uma rede de vôlei mas com uma altura muito menor.

A atividade era uma simulação do jogo com duas colunas do lado de fora do espaço de jogo, entrando sempre em quadra o primeiro de cada fila. O professor lançava a bola, alternando entre as duplas no decorrer da atividade e a dupla que estivesse em quadra tentaria trabalhar os 3 toques passando a bola pro lado adversário tentando dificultar o retorno, porém foi combinado que ninguém poderia passar a bola atacando, já que a rede do jogo era uma linha de cones e isso inviabilizaria a dinâmica da atividade.

O professor lançava a bola para cada dupla para que todos tivessem a oportunidade de trabalhar os 3 toques na atividade tanto na função de passador e atacante quanto na função de levantador. Na parte final da aula aumentamos para 3 colunas, mudando um pouco a dinâmica de trabalhar a bola passando por todos do time. Ao final da aula, reunimos os alunos para dar e receber feedbacks, e foi um consenso entre os alunos que a atividade foi muito boa, porque todos tocaram várias vezes na bola, treinaram várias vezes os fundamentos e conseguiram jogar na mesma lógica do vôlei oficial. Outro detalhe importante foi a adesão de toda a turma durante todo o período de aula, nenhum aluno ficou de fora das atividades.

Sentimos que as aulas de vôlei estavam agradando bastante os alunos, continuamos utilizando a mesma dinâmica e progredindo no nível de dificuldade do jogo. Após o alongamento explicamos o planejamento da aula de trabalhar os fundamentos para seguirmos na evolução do jogo, que dessa vez seria sem regras adaptadas.

Disponibilizamos mais tempo da aula para o jogo porque um dos objetivos era orientar e explicar alguns lances que aconteceriam durante a partida. Para a aprendizagem da lógica do jogo de vôlei, é importante os jogos adaptados que realizamos nas aulas prévias porque possibilitam mais tempo para que os alunos pensem e organizem suas ações dentro do jogo, já que em uma partida oficial, a velocidade das jogadas demanda ações e tomadas de decisões muito rápidas.

Durante o jogo, paramos a aula algumas vezes para explicar e orientar algumas jogadas, e a situação que mais ocorreu foi de aglomerar o meio da quadra

enquanto as extremidades ficavam desocupadas, existe uma lógica para isso: a probabilidade de sofrer o ponto no meio da quadra é maior porque a área desse espaço é maior, porém, a orientação seguia a linha de posicionar o time de maneira mais equilibrada na quadra para cobrir a maior área possível, e esse comportamento também evitava que algum jogador ocupasse e disputasse uma bola que seria do seu companheiro.

Na aula seguinte, novamente tivemos que dividir o ginásio com outra turma e recorreremos ao vôlei adaptado com rede de cones para utilizar na aula. Decidimos aproveitar os feedbacks positivos na aula anterior de “vôlei adaptado” para aproveitar mais ainda os pontos positivos, principalmente o fator participação e interação com a aula. Organizamos os cones que simulavam a rede e dividimos os alunos em duas colunas, para iniciar, o professor lançava a bola para o primeiro aluno da fila, que devolvia de manchete e partia para próximo da “rede” para realizar o ataque após o levantamento do professor. Iniciamos com os professores no levantamento devido ao primeiro passe dos alunos ser de manchete, o que acaba variando um pouco mais a bola e dificultando a levantada. Na sequência da aula, os alunos lançavam a bola para os colegas que realizavam o passe de toque e atacavam após o levantamento do colega que tinha lançado a bola.

Através dessa dinâmica de aquecimento, os alunos já trabalhavam os fundamentos para o jogo e também a movimentação de aproximação à “rede”. Na parte final da aula, foram organizadas 6 colunas, 3 de cada lado da quadra, onde os primeiros de cada coluna entravam no espaço da quadra para jogar. O professor lançava a bola para algum jogador que dava prosseguimento na jogada buscando os 3 toques com os colegas antes de passar a bola para o campo adversário. A dinâmica se repetia até todos alunos em quadra receberem o lançamento do professor e, ao final, eram trocados os 6 jogadores.

Todos alunos participaram da dinâmica e saíram satisfeitos da aula por conseguirem participar, neste momento, percebemos que de maneira geral a turma já estava tendo mais autonomia para jogar vôlei, tanto no aspecto mais técnico do gesto quanto no aspecto tático, ou do comportamento, do jogo.

Destinamos a penúltima aula do estágio docente para uma dinâmica de autoavaliação e como um momento de ouvir mais a turma sobre as experiências que eles tiveram conosco e sobre o que sentiram sobre suas aprendizagens durante o período de estágio.

Reunimos todos alunos no ginásio, organizamos as cadeiras disponíveis em círculo e sentamos para conversar sobre a percepção de cada um. Iniciamos falando o nome, o que mais gostaram nas aulas, o que não gostaram e qual a sua avaliação comparando consigo mesmo antes da nossa intervenção. Alguns pontos chamaram nossa atenção, como a quase unanimidade da turma gostando mais das aulas de vôlei, inclusive alguns meninos que queriam muito ter aulas de futebol.

Outro ponto que chamou atenção foi que dois alunos disseram que não tinham aprendido muita coisa porque já sabiam jogar e que era ruim ter que jogar com quem não sabia, e isso beirou o absurdo para mim porque era nítido que nenhum aluno tinha qualquer proficiência em vôlei, mas a percepção destes dois era de que estavam em um nível muito acima dos demais, e quando eles falaram isso retomei um dos pontos que eram levantados nas aulas, que era impossível alguém, por melhor que fosse, jogar de maneira individual um esporte que é coletivo.

Particularmente, gostei muito dos relatos e das observações das meninas que participavam menos no início das aulas do estágio, porque de certa forma a nossa intervenção no estágio foi mais transformadora para essas alunas. O primeiro ponto é que após a sequência de aulas, elas se sentiam mais capacitadas para praticar vôlei, entendendo mais como jogar e sabendo executar melhor os fundamentos, e esse sentimento foi o que motivou a participação delas nas aulas.

Outra questão foi a participação dessas alunas no jogo, e não somente em aula, antes da nossa intervenção elas, por vezes, estavam em aula, estavam na quadra mas não participavam do jogo, e após o trabalho desenvolvido, elas se sentiam parte do jogo e participavam ativamente da prática. Esse resultado foi alcançado pelo trabalho técnico dos fundamentos, obviamente, mas também por orientações em todos os momentos possíveis quanto ao posicionamento e o papel de cada jogador dentro do espaço do seu time, fazendo com que cada aluno tivesse responsabilidade por defender um espaço da quadra e por cumprir sua função para que a sua equipe pudesse alcançar o objetivo no jogo.

A autoavaliação dos alunos foi muito importante para a validação do nosso trabalho, o nível de satisfação e a evolução que os alunos tiveram foram fatores que confirmaram a qualidade do que foi ensinado durante o período de estágio.

Nossa última aula do estágio aconteceu no clima da despedida com os alunos, realizamos alguns jogos e conseguimos observar toda a evolução que a turma teve no estágio. Durante a aula, uma outra turma do colégio queria entrar e

jogar no ginásio ao mesmo tempo, inclusive os alunos da turma 206 sugeriram fazer um jogo entre as turmas, porém a ideia foi vetada. Após a aula nos despedimos dos alunos com a sensação de dever cumprido e também com a sensação que entregamos algo muito valioso para eles, uma aprendizagem que faria sentido para o resto das vidas de cada um.

Discussões

A partir das experiências vivenciadas no estágio, observamos fenômenos comuns na educação física do Ensino Médio. Porém, a evasão dos alunos nas aulas de educação física é apenas a ponta de um problema que começa nos anos iniciais da formação do aluno, de uma cultura de educação física escolar que estimula muito pouco o desenvolvimento do aluno.

A abordagem do esporte nas aulas de educação física normalmente segue uma linha de ensino da parte técnica, mas com apenas um ou dois períodos na semana, é improvável que os alunos se desenvolvam no esporte se não praticarem a atividade fora do ambiente escolar.

Chegando no Ensino Médio, o aluno que não se desenvolveu durante a trajetória escolar não se sente capaz e, por consequência, motivado para participar das aulas de educação física que muitas vezes seguem o padrão tecnicista vivenciado no ensino fundamental. Aliado ao sentimento de incapacidade, alguns alunos ainda precisam trabalhar no turno inverso, então evitam se desgastar durante o período escolar.

Todos fatores citados são relevantes quando analisamos a educação física no Ensino Médio, entretanto nenhum empecilho pode ser motivo para abandonar o aluno e ignorar a importância da educação física também nos anos finais da formação escolar.

O trabalho desenvolvido durante o estágio no Instituto Rio Branco apresentou alguns problemas relacionados à evasão nas aulas, principalmente nas primeiras intervenções, mas seguimos uma postura de sempre convidar o aluno e principalmente fazer o possível para acompanhar a participação dele em aula, sempre dando feedback durante as atividades, orientando e direcionando atenção para cada um.

Um comportamento comum nas primeiras aulas foi alguns alunos participarem das atividades iniciais da aula, mas na hora que a dinâmica se aproximava do jogo esses alunos decidiam não participar, e com o tempo o número de alunos que seguia esse comportamento foi diminuindo até que nas últimas aulas todos participaram de maneira integral das aulas. Através da autoavaliação que realizamos, conseguimos descobrir que grande parte desses alunos não participava de toda aula por não ter confiança, não se sentir capaz ou para evitar comentários negativos dos colegas.

Aliás, o trabalho desenvolvido baseado no TGfU, com dinâmicas envolvendo a lógica dos esportes sem a preocupação demasiada com a técnica, trouxe a participação dos alunos para outro nível, a utilização de mini jogos e de recortes do jogo tornou a experiência para os alunos muito mais atrativa, aumentando gradualmente o engajamento e a confiança para participar das aulas. Juntamente com a parte metodológica, trouxemos uma cultura diferente para o ambiente da aula, buscando oferecer oportunidade para todos os alunos, independente do nível de desenvolvimento de cada um.

Analisando a questão do ambiente, lembro que nos primeiros contatos com a comunidade do Instituto Rio Branco tive a percepção de um ambiente pouco acolhedor, totalmente contrário da experiência que tive durante o período escolar, com uma ressalva importante de ter estudado em escola particular. Mas mesmo que existam inúmeras diferenças entre as duas situações, o aluno, o “jovem”, ainda é o mesmo, o sentimento de se sentir acolhido e de fazer parte de um lugar transforma o significado das práticas que são propostas.

A partir dessa ideia de transformar a aula em um ambiente de desenvolvimento e através de uma metodologia que busca a autonomia do aluno, conseguimos acolher cada aluno da turma e transformar em parte importante do ambiente. A postura dos professores de ensinar, orientar e instruir os alunos gerou mais confiança e motivação principalmente para os alunos que mais precisavam, fazendo com que eles participassem das aulas sem medo de serem reprimidos, esse resultado positivo foi atingido por existir um ambiente que não tinha o objetivo de beneficiar apenas os alunos mais habilidosos, o trabalho foi para desenvolver o coletivo.

Considerações finais

O objetivo deste trabalho é apresentar uma alternativa eficiente para engajar os alunos e desenvolver a prática esportiva de uma maneira integral, diferente do modelo tradicional tecnicista que é amplamente utilizado na educação física escolar, e a partir desta experiência, podemos levantar alguns pontos sobre a educação física no ensino médio e apresentar sugestões para futuros docentes.

Planejar e executar aulas de educação física para jovens é um desafio nos dias atuais e não foi diferente no estágio realizado no Instituto Rio Branco. Quando analisamos a cultura da educação física na escola o desafio fica ainda maior, visto que não existe uma sistematização dos conteúdos e das aulas.

O jovem que chega no Ensino Médio não enxerga a educação física como um momento de aprendizado, tanto por falta de organização das aulas quanto por desmotivação com as experiências adquiridas no Ensino Fundamental. O nosso papel no estágio começa por integrar o aluno ao ambiente de aula para depois transmitir algum conteúdo, e quando começamos a desenvolver o trabalho, já é hora de nos despedirmos porque o tempo de prática docente é curto.

A relação com os alunos é sempre o ponto principal ao desenvolver uma prática de docência, muito mais que o conteúdo planejado, a riqueza do contato com os alunos é o que me motiva para dar continuidade ao trabalho. A troca de experiências com a turma forma, e transforma, o professor.

Analisando o estágio realizado, acredito ter entregue um trabalho de qualidade para todos os alunos, sem abdicar daqueles que tinham dificuldades por falta de confiança ou de motivação. Também conseguimos promover uma mudança de cultura nas aulas, tornando o ambiente mais acolhedor e propício ao desenvolvimento de todos.

A metodologia utilizada teve o objetivo de desenvolver o entendimento da lógica dos jogos e as tomadas de decisões dos alunos em um esporte coletivo de invasão (handebol) e em um esporte de rede (voleibol). Com o auxílio do TGfU (*Teaching Games for Understanding*), tornamos as aulas mais atrativas para os alunos, diferentemente das práticas tecnicistas que são comuns na educação física escolar.

Apreendi durante o período de prática docente que é necessário ter paciência e resiliência para ganhar a confiança dos alunos e aplicar o planejamento. O jovem presente no Ensino Médio se encontra em um nível de formação que exige uma

dedicação especial do professor para transformar algumas crenças que esse aluno traz quanto às aulas de educação física. A relação do professor com os alunos precisa ser verdadeira e transparente, principalmente nessa faixa etária do Ensino Médio, onde o aluno já possui autonomia e um nível maior de maturidade para entender as situações presentes no seu ambiente.

O presente trabalho apresentou ideias de como pensar e aplicar o processo de ensino dos esportes através das lógicas dos jogos para transformar as aulas de educação física em um ambiente atrativo e motivador para os alunos. Através dos resultados alcançados, sugere-se que os professores aliem metodologias globais à transformações no ambiente das aulas para proporcionar uma formação integral dos alunos.

Referências

AQUINO, J. G. (org.). Erro e fracasso na escola: alternativas teóricas e metodológicas. São Paulo: Summus, 2005.

Araújo, D., Davids, K., & Hristovski, R. (2006). The ecological dynamics of decision making in sport. *Psychology of Sport and Exercise*, 7, 653-676.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais. Ministério da Educação. Educação Física, Brasília, v. 7, 1998.

Bunker, D.; Thorpe, R. A model for the teaching of games in secondary schools. *Bulletin of Physical Education*, v. 18, n. 1, p. 5-8, 1982.

Bunker, D.; Thorpe, R. From theory to practice. In: Thorpe, R.; Bunker, D.; Almond, L. *Rethinking Games Teaching*. Loughborough: University of Technology, 1986, p. 11-16.

CARLAN, P.; KUNZ, E.; FENSTERSEIFER, P.E.. O Esporte como conteúdo da Educação Física Escolar: Estudo de Caso de uma prática pedagógica "inovadora". *Movimento*, Porto Alegre, v. 18, n. 4, p. 55-75, out./dez., 2012.

CHICATI, K.C.. Motivação nas aulas de educação física no ensino médio. Revista da Educação Física/UEM, Maringá, v. 11, n. 1, p. 97-105, 2008.

DARIDO, S. C. A educação física na escola e o processo de formação dos não praticantes de atividade física. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, Vol. 18, Nº 1, p. 61-80, jan/mar, 2004.

FOLLE, Alexandra, POZZOBON, Maria E., BRUM, Carina F. Modelos de Ensino, Nível de Satisfação e Fatores Motivacionais Presentes nas Aulas de Educação Física. Revista da Educação Física/UEM Maringá, Vol. 16, No 2, p. 145-154, 2o sem., 2005.

LIGHT, R. Accessing the inner world of children: The use of student drawings in research on children's experiences of Game Sense Proceedings In: The Asia Pacific Conference on Teaching Sport and Physical Education for Understanding. 2007. p. 72-83.

LUNA, Cândido L. F., SILVA, Francisco W. C., ANDRADE, Gabriel P., VIANNA, José A. Evasão nas aulas de Educação Física Escolar. Revista Digital - Buenos Aires – Vol. 14, No 134, julho, 2009.

MARTINELLI, C.R.; MERIDA, M.; RODRIGUES, G.M.; GRILLO, D.E.; SOUZA, J.D. Educação física no ensino médio: motivos que levam as alunas a não gostarem de participar das aulas. Revista Mackenzie de educação física e esporte, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 13-19, 2006.

NETO, Alvaro R. M., CRUZ, Ronaldo P., SALGADO, Simone S., CHRISPINO, Renata F., SOARES, Antonio J. G. Evasão Escolar e Desinteresse dos Alunos nas Aulas de Educação Física. Pensar a Prática, Goiânia, Vol. 13, Nº 2, p. 115, mai/ago, 2010.